

COMUNIDADES LITERÁRIAS DIGITAIS COMO ECOSISTEMAS COLABORATIVOS DE FORMAÇÃO LEITORA

Jaíne Almeida Gonçalves¹

<https://orcid.org/0009-0000-3842-1634>

Edeilza dos Santos²

<https://orcid.org/0009-0009-4942-7447>

Dra. Denise Dias de Carvalho Sousa³

<https://orcid.org/0009-0007-2830-6238>

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N2-02>

RESUMO: O cenário de transformações propiciadas pela inserção da internet nas atividades sociais contribuiu para o agrupamento de sujeitos em comunidades engajadas pelos compartilhamentos de interesses mútuos, dentre esses, a literatura. Sob esse viés, o presente artigo tem como objetivo investigar de que maneira a formação de comunidades literárias nos meios digitais podem contribuir com a construção de ecossistemas colaborativos que promovem a leitura e a produção literária em uma perspectiva formativa. Para tanto, realizou-se uma revisão de literatura, fundamentada nos pressupostos teóricos de Levy (1999) sobre *cibercultura*; Jenkins (2015) e Neves (2014) sobre *cultura participativa em comunidades digitais*, além de Santaella (2004, 2012) e Chartier (1994; 2001) sobre *sociologia da leitura*, entre outros autores. A partir das discussões suscitadas, foi possível compreender que as comunidades literárias digitais se configuram como espaços de formação leitora e autoral, sustentadas pela colaboração e caracterizadas por ecossistemas formativos próprios da cultura participativa.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberliteratura. Cultura Participativa. Comunidades Digitais. Formação Leitora.

DIGITAL LITERARY COMMUNITIES AS COLLABORATIVE ECOSYSTEMS FOR READER DEVELOPMENT

ABSTRACT: The scenario of transformations brought about by the insertion of the internet in social activities has contributed to the grouping of individuals into communities engaged in the sharing of mutual interests, among them, literature. From this perspective, this article aims to investigate how the formation of literary communities in digital media can contribute to the construction of collaborative ecosystems that

¹ Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV – Jacobina/BA; Pós-graduanda no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB). Integrante do grupo de pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do/a Leitor/a (LEFOR). E-mail: jainegoncalves7@gmail.com

² Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV – Jacobina/BA; Pós-graduanda no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB). Integrante do grupo de pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do/a Leitor/a (LEFOR). E-mail: formadoradefl@gmail.com

³ Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV. Líder do grupo de pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do/a Leitor/a (LEFOR). E-mail: dsousa@uneb.br

promote reading and literary production from a formative perspective. To this end, a literature review was carried out, based on the theoretical assumptions of Levy (1999) on cyberculture; Jenkins (2015) and Neves (2014) on participatory culture in digital communities, as well as Santaella (2004, 2012) and Chartier (1994; 2001) on the sociology of reading, among other authors. From the discussions raised, it was possible to understand that digital literary communities are configured as spaces for reader and authorial formation, sustained by collaboration and characterized by formative ecosystems specific to participatory culture.

KEYWORDS: Cyberliterature. Participatory Culture. Digital Communities. Reader Development.

INTRODUÇÃO

A revolução tecnológica, impulsionada pelos novos meios de comunicação em massa, tornou possível uma reconfiguração profunda das dinâmicas culturais, sociais e econômicas, transformando as formas de interação humana por meio de relações simbólicas que transcendem fronteiras geográficas e operam em um espaço desterritorializado. Nesse contexto, o ciberespaço reorganizou as práticas de produção, circulação e apropriação da cultura escrita, deslocando-as de instâncias materiais e centralizadas para a fluidez do universo interconectado. Ao agrupar sujeitos em torno de interesses comuns, as comunidades digitais passaram a constituir espaços de troca, colaboração e compartilhamento de saberes, instaurando novas formas de participação e engajamento cultural.

Sob esse viés, leitores e leitoras, autores e autoras passam a se encontrar em múltiplas plataformas digitais, conectados/as por interesses comuns e mediados/as por dinâmicas algorítmicas que potencializam a circulação de conteúdos literários. O engajamento coletivo nesses espaços é impulsionado pela busca de pertencimento, reconhecimento e construção identitária, configurando redes de interação em que a literatura ocupa posição central. Nesse cenário, constituem-se comunidades literárias digitais entendidas como ecossistemas de trocas simbólicas, nos quais a partilha de experiências leitoras e autorais, a recomendação de obras, a crítica e a circulação de narrativas passam a ocorrer de modo colaborativo e participativo.

Considerando essa conjuntura, o presente artigo propõe investigar, por meio de revisão de literatura, de que modo as comunidades literárias em rede podem se constituir

como ecossistemas colaborativos de formação leitora e autoral na cibercultura, sustentados pelo compartilhamento de saberes, trocas de experiências e dinâmicas coletivas de incentivo à produção literária. Para tanto, o texto inicia com uma contextualização teórica da cultura participativa decorrente da revolução digital, avança para a discussão das práticas colaborativas que estruturam essas comunidades e, por fim, aborda a leitura beta como um dos fenômenos que emergem desse ecossistema. Nessa perspectiva, o estudo busca evidenciar como, nesse ecossistema participativo da cibercultura, são fomentados espaços de produção de experiências formativas atravessadas pela colaboração no meio ciberliterário.

COMUNIDADES EM REDE NA CULTURA PARTICIPATIVA

A consolidação da cultura digital não representa apenas a incorporação de novas tecnologias aos processos sociais, mas uma reconfiguração dos regimes de produção, circulação e apropriação da cultura escrita. Como observa Chartier (2001), as revoluções no âmbito da comunicação instauram descontinuidades que alteram as formas de ler, escrever e legitimar textos. Nesse sentido, a expansão da internet e das plataformas digitais não apenas amplia o acesso à literatura, como também desloca as instâncias de mediação cultural, descentralizando a autoridade e redistribuindo os modos de participação dos sujeitos no ciberespaço.

Lévy (1999), ao conceber o ciberespaço como um ambiente estruturado pela inteligência coletiva, destaca que sua expansão se sustenta na experimentação colaborativa e na circulação contínua de informações entre sujeitos conectados. Além de modificar os suportes da comunicação, essa lógica instaura um regime cultural marcado pela interatividade e pelo engajamento dos sujeitos, que se inserem de formas cada vez mais ativas dos processos de produção cultural. Ao operar como um espaço desterritorializado, isto é, um “não lugar” que relativiza fronteiras geográficas e se constitui na virtualidade das conexões em rede, o ciberespaço reconfigura as formas de inserção na cultura escrita, deslocando os indivíduos da posição de receptores para agentes implicados na produção, circulação e interpretação dos textos. Configura-se, assim, uma cibercultura, entendida por Lévy (1999, p. 16) como “o conjunto de técnicas,

práticas, modos de pensamento e valores que se desenvolvem conjuntamente ao crescimento do ciberespaço”, instaurando novas formas de interação simbólica e participação cultural no interior de coletivos retroalimentativos.

Compreender a cibercultura sob essa perspectiva implica afastar-se da metáfora do impacto tecnológico, que atribui à técnica um papel causal isolado nas transformações culturais. Como observa Lévy (1999), não se trata de estabelecer uma relação linear entre tecnologia e cultura, como se a primeira produzisse efeitos automáticos sobre a segunda. As relações se constroem entre sujeitos que inventam, utilizam e interpretam as técnicas em contextos sociais específicos, atribuindo-lhes uma pluralidade de sentidos. Nesse viés, a cibercultura não emerge como consequência direta da técnica, mas antes como resultado das práticas sociais que se desenvolvem no ciberespaço, movidas pela interação, pelo compartilhamento e pela construção coletiva de significados. É nesse horizonte que se consolidam as comunidades digitais, aqui entendidas como espaços de relação, produção identitária e formação. Conforme aponta Neves (2014), as comunidades configuram-se como lugares de construção do sujeito contemporâneo, nos quais se articulam pertencimento, negociação do eu e inserção no coletivo, elementos fundamentais para compreender as dinâmicas formativas que atravessam as práticas culturais em rede.

De acordo com o autor, a busca por pertencimento assume centralidade no ambiente digital, intensificada pela coletividade e pelo fluxo contínuo de culturas e saberes que circulam no ambiente rizomático do ciberespaço. Nesse contexto, o crescimento das comunidades virtuais e das redes sociais relaciona-se à necessidade de identificação e reconhecimento entre sujeitos que compartilham interesses comuns. Diferentemente de um simples agrupamento, tais comunidades estruturam-se a partir da identificação simbólica e da construção compartilhada de sentidos, elementos que dialogam com a noção de inteligência coletiva. A construção identitária no ciberespaço, portanto, complexifica-se à medida que o sujeito negocia constantemente as fronteiras entre o “eu indivíduo” e o “eu coletivo”, em um movimento de exposição, edição e reinscrição de si. Como afirma Neves (2014, p. 53), “[...] editamos e transferimos tudo que diz respeito a nós mesmos ao ciberespaço e sociabilizamos através dele. Transferimos nossas questões de lugar e descarregamos mais do que a nossa identidade”. Nesse cenário,

a identidade digital não se configura como essência fixa, mas como processo relacional, constituído na interação e no pertencimento a comunidades em rede.

Se a cibercultura se estrutura pela inteligência coletiva e pela construção relacional de identidades, como indicam Lévy (1999) e Neves (2014), é com a noção de cultura participativa que se evidencia a dimensão prática dessas interações. Para Jenkins (2015), a cultura participativa caracteriza-se pela redução das barreiras à expressão subjetiva e ao engajamento coletivo, pelo incentivo à criação artística e ao compartilhamento de produções construídas de forma colaborativa. Isso porque as dinâmicas de participação nas comunidades digitais estimulam uns aos outros com a existência de formas de orientação informal, nas quais membros mais experientes auxiliam os iniciantes.

Ao definir a comunidades virtual, Levy (1999, p. 127) aponta que sua construção se baseia em “[...] afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”. Nesse modelo cultural, os sujeitos se posicionam para além do lugar de consumidores dos conteúdos produzidos, reivindicando o posto de participantes ativos na circulação, na interpretação e na produção simbólica, especialmente, em comunidades literárias. Tal dinâmica desloca a leitura e a escrita de um regime centrado na recepção individual para um contexto de interação contínua, no qual o aprendizado se constrói coletivamente, por meio da troca, do comentário e da colaboração entre pares.

No interior desse cenário participativo, destacam-se as comunidades literárias digitais, que se organizam em torno da circulação de obras, da partilha de experiências leitoras e da interlocução direta entre autores e leitores. Conforme observa Neves (2014, p. 167), “[...] as comunidades virtuais, além de servirem como lócus de divulgação, servem também, principalmente, como lócus de interação entre produtores (autor/leitor)”. Em diálogo com Jenkins (2015), pode-se compreender essas práticas como expressões da cultura participativa, cujos sujeitos não apenas consomem narrativas, mas contribuem ativamente para sua circulação, comentário e, por vezes, transformação. Nesse ambiente, como sugere Santaella (2004, 2012), as formas de leitura também se reconfiguram, assumindo características interativas e hipermidiáticas que ampliam as possibilidades de

interpretação e engajamento. Assim, as comunidades literárias digitais passam a operar como espaços nos quais leitura, escrita e interações entre leitores e produtores, configurando práticas culturais marcadas pela colaboração e mediação.

Sob esse viés, as comunidades literárias digitais são compreendidas como espaços de expressão situada da cultura participativa no interior da cibercultura, articulando pertencimento, mediação entre pares e produção colaborativa. Nesse cenário, a leitura deixa de ser prática individual para tornar-se experiência compartilhada, atravessada por comentários, recomendações, reescritas e interações contínuas entre leitores e autores. É nesse ecossistema relacional que emergem formas específicas de atuação leitora e engajamento literário, como aquelas observadas entre *bookstans*, *fandoms* e leitores beta. Compreender tais práticas e as posições assumidas pelo/a leitor/a nas comunidades literárias em rede implica deslocar o olhar da estrutura cultural que fundamenta essas dinâmicas para a atuação dos agentes que dão vida às redes participativas de leitores/as e autores/as *online*, movimento que orienta a discussão a seguir.

COMUNIDADES LITERÁRIAS E REDES PARTICIPATIVAS

A inserção do/a leitor/a nas comunidades digitais reconfigura sua posição no circuito literário, deslocando-o da condição de receptor para a de agente ativo na circulação e mediação de conteúdos literários. No interior das redes, o leitor passa a produzir comentários, recomendações, resenhas, listas e interpretações públicas, participando de uma cultura engajada que mobiliza a experiência leitora para além da esfera privada. Como postula Recuero (2009, p. 135), a comunidade virtual se estrutura por “um aglomerado de nós com maior densidade de conexões”, cujas formas de sociabilidade se sustentam em interesses compartilhados e na manutenção de territórios simbólicos de pertencimento. Conforme salienta Subrinho e Sousa (2020), essas comunidades funcionam como verdadeiros biomas digitais, as comunidades provêm um espaço dialógico e interativo, fomentando as mais diversas produções. Nesse ambiente, o engajamento literário envolve práticas de interação e mediação que contribuem para a

ampliação do repertório leitor, bem como o exercício da crítica literária e a construção da identidade leitora nas redes sociais.

Entre as múltiplas formas de engajamento que emergem nesse contexto, destacam-se as chamadas *bookredes*, que evidenciam a materialização da cultura participativa no campo literário, organizando-se em comunidades específicas nas principais redes sociais utilizadas no Brasil. A partir do prefixo *book*, tais comunidades passam a ser nomeadas conforme a plataforma à qual se vinculam, como *BookTwitter*, *BookTok*, *BookTube* e outras redes sociais amplamente utilizadas. Segundo Valença (2021, p. 9), as “[...] bookredes ascenderam como espaços que possibilitaram que amantes da literatura interagissem, debatendo sobre suas leituras, fazendo indicações de livros e contribuindo para o funcionamento do que Jenkins (2015) chama de cultura participativa”. Nesse cenário, a conexão estabelece-se pela identificação com a figura do/a leitor/a apaixonado/a, que se reconhece como pertencente a uma coletividade mobilizada pelo interesse literário comum. Constituem-se, assim, repertórios compartilhados, vocabulários próprios, memes e referências internas que fortalecem os vínculos simbólicos entre os participantes. Ao comentar, recomendar e debater obras, esses sujeitos não apenas ampliam a circulação literária, mas exercitam a leitura crítica, constroem posicionamentos públicos e negociam sentidos coletivamente, configurando processos formativos que atravessam tanto a dimensão interpretativa quanto identitária da prática leitora.

Fruto de uma cultura participativa e conectada, a figura do *bookstan* ancora sua atuação no compartilhamento de experiências leitoras e da produção de conteúdos literários nas redes sociais. Esse engajamento pode ocorrer por meio de plataformas de catalogação social da leitura, como *Skoob* e *Goodreads*, ou pela publicização de leituras em *posts*, comentários e produções autorais, a exemplo de resenhas e *fanfics*, articulando mediação criativa e, por vezes, autoria independente. Sua identidade nas comunidades se estrutura a partir da centralidade da prática leitora, com perfis destinados a compartilhar “[...] conteúdo original para incentivar e interagir com seus seguidores sobre uma determinada leitura, livro ou autor”, conforme aponta Rodrigues (2023, p. 21). Para a autora, esse fenômeno constitui-se como produto da cibercultura, ancorado em relações

subjetivas com a literatura e na identificação estabelecida com seguidores em diferentes redes sociais.

Em se tratando de redes sociais específicas para leitores/as compartilharem suas leituras em andamento, concluídas ou desejadas, destacam-se as plataformas de catalogação social da leitura, definidas por Leitão (2009, p. 437) como “[..] ambientes onde indivíduos que partilham um interesse por livros podem construir as suas bibliotecas e interagir a propósito das obras que leram ou pretendem ler”. Nessas plataformas, as bibliotecas virtuais são publicizadas no ciberespaço, permitindo o compartilhamento com amigos adicionados, que passam a acompanhar e interagir com a trajetória leitora do usuário em comunidade. Ainda que tal prática não constitua um comportamento exclusivo de *bookstans*, observa-se nesse perfil identitário um engajamento mais intenso, tanto no número de conexões estabelecidas quanto na frequência de publicações e na integração dessas plataformas a outras redes sociais. Além de manter um histórico de leitura público, esses ambientes possibilitam a avaliação das obras e a publicação de resenhas, recurso frequentemente mobilizado por *bookstans* para expressar suas interpretações e posicionamentos críticos, configurando um exercício contínuo de reflexão e socialização da experiência leitora.

Essa exposição pública da experiência leitora desdobra-se também em outras redes sociais, nas quais *bookstans* dedicam seus perfis à produção sistemática de conteúdos literários, como ocorre com os *booktubers*, na plataforma YouTube, e os *booktokers*, no aplicativo chinês TikTok. De acordo com Ione Santos (2024, p. 61), esses fenômenos configuram-se como membros das comunidades literárias virtuais que publicizam “[...] seus interesses e paixões acerca da literatura. Compartilham resenhas de obras, lançamento de livros, fazem indicações e desafios aos seus seguidores, entrevistam autores dentre várias outras funções”. Esses perfis e canais organizam-se em torno do universo literário, à margem dos circuitos institucionalizados da crítica tradicional, operando sob uma lógica híbrida, marcada pela natureza semiótica e multimodal da cibercultura, na qual imagens, sons, hiperlinks e interações se articulam na construção de uma Inteligência Coletiva (Levy, 1999). Ao produzir e compartilhar leituras nesses formatos, os sujeitos promovem a divulgação de obras literárias, exercitam competências interpretativas, argumentativas e midiáticas, consolidando processos formativos que

articulam o estímulo ao hábito leitor e o engajamento colaborativo nas comunidades literárias em rede.

Quando essa experiência de colaboração e autoria se volta diretamente para a criação de narrativas derivadas, a participação leitora assume contornos ainda mais evidentes, como se observa nas dinâmicas dos *fandoms*. Inseridos nas comunidades virtuais, os *fandoms* enraízam-se na cultura de fã, mobilizados por sentimentos de pertencimento a um universo literário específico e por uma base de leitores/as engajados/as na expansão desse repertório narrativo. Entre as práticas mais recorrentes, destacam-se a criação, a circulação e a leitura de *fanfics*, gênero que emerge de uma cultura de fã que não mais se conforma com o consumo da produção e passa a fazer parte da (re)produção (Neves, 2014). Essas dinâmicas radicalizam o deslocamento do/a leitor/a para o campo da autoria, promovendo aprendizagens relacionadas à construção narrativa, à experimentação estética e à negociação coletiva de sentidos. Nesse movimento, a formação leitora articula-se à formação autora, consolidando-se como prática situada na cultura participativa em rede (Jenkins, 2015).

Esse engajamento coletivo materializa-se de forma expressiva na produção de *fanfics*, fenômeno emblemático da cultura de fãs nas comunidades literárias digitais. Ao se apropriarem de universos ficcionais já consolidados, leitores/as assumem também a posição de produtores culturais, expandindo narrativas, reinterpretando personagens e criando desdobramentos possíveis para as histórias que consomem. Nesse sentido, a *fanfic* inscreve-se no que Neves (2014, p. 105) define como cultura participatória, isto é, “[...] uma cultura na qual fãs se apropriam de produtores culturais, do conceito de seus personagens e reproduzem, modificando sua história e criando produtos derivados”. Nesse sentido, a dinâmica de apropriação criativa se estrutura um percurso formativo que desloca o fã da posição de leitor para a de autor em potencial, através do pertencimento em comunidades que incentivam a participação ativa. Como observa Jenkins (2015, p. 232):

No início, eles talvez apenas lesem as histórias, mas as comunidades fornecem muitos estímulos para que os leitores atravessem o último limiar para a redação e apresentação de suas próprias histórias. E depois que um fã apresenta uma história, o feedback que recebe o inspira a escrever mais e melhor.

Operando sob uma instância não institucionalizada, a cultura de fã pode ser vista como um potencial para a formação de leitores/as e autores/as engajados/as no próprio processo de produção literária, uma lógica que rompe com os regimes centralizados e mercadológicos de controle da obra. Ao reivindicarem o direito de participar da criação e circulação dos universos narrativos que consomem, os/as fãs deslocam a literatura de uma economia de produto para uma economia de partilha, em que a escrita e a leitura se inscrevem em uma dinâmica colaborativa e não comercial. Conforme postula Jenkins (2015, p. 458) “[...] essas histórias são fruto do amor; elas operam numa economia de doação e são oferecidas gratuitamente a outros fãs que compartilham da mesma paixão”. Nesse ambiente, práticas como a *fanfic* e a leitura beta configuram-se como experiências formativas, pois articulam interpretação crítica, experimentação narrativa e troca de *feedback* entre pares, consolidando uma aprendizagem que se dá no exercício coletivo da cultura participatória.

No ecossistema das comunidades virtuais, leitores/as e bookstans podem, inclusive, integrar a cadeia de produção das autopublicações ciberliterárias conforme postula Rodrigues (2023). Motivados por uma cultura interconectada que convida ao protagonismo, observa-se uma tendência à participação ativa em diferentes etapas do processo editorial, seja no papel de suporte e mediação da escrita, como leitores/as beta ou leitores/as críticos/as, seja na colaboração em etapas como diagramação, ilustração e produção de capas, ou, ainda, assumindo a autoria na autopublicação. Não raro, o/a leitor/a transita entre mais de uma dessas funções, visto que na coletividade interativa propiciada pelas comunidades leitoras, sua identidade se torna fluída, cambiante e multifacetada (Santaella, 2012). Nesse cenário, a experiência leitora se amplia, incorporando recepção, interação e criação, o que potencializa processos formativos vinculados à compreensão dos mecanismos de produção do livro e à construção de uma identidade leitora-autora em rede.

Entre as práticas que materializam essa participação colaborativa no interior das comunidades, destaca-se de modo particular a leitura beta, entendida por Jenkins (2015, p. 406) como uma atividade leitora desempenhada por escritores/as no ecossistema literário das comunidades de fãs. Em suas palavras, a leitura beta pode ser entendida como “[...] processo de revisão entre escritores dentro de comunidades de fãs, em que escritores

mais experientes guiam participantes mais novos, ajudando-os a aperfeiçoar seu trabalho para publicação”. Essa dinâmica evidencia o aspecto colaborativo da escrita em rede, na qual a mediação entre pares se constitui como espaço de aprendizagem compartilhada e interativa. Em perspectiva formativa, a participação nessas comunidades promove a troca de repertórios leitores, culturais e linguísticos, contribuindo para a construção coletiva tanto de competências autorais quanto de uma leitura crítica implicada no processo de criação literária.

Embora sua presença seja frequente nas comunidades de fãs, a leitura beta não se restringe a esse espaço, tampouco é exercida exclusivamente por escritores/as, alcançando uma diversidade de perfis leitores e assumindo diferentes configurações no interior das comunidades digitais. No universo da criação literária que circunda a cibercultura, essa prática atua como uma “[...] audiência prospectiva e participativa, ou seja, um acompanhante que vê o trabalho de maneira mais integral” (García-Rocca, 2019, p. 03). Sua função central consiste em contribuir para a obra em construção, oferecendo um *feedback* crítico a partir do acompanhamento do desenvolvimento da narrativa antes de sua publicação.

Ao mesmo tempo em que o leitor beta atua como cúmplice da autoria ciberliterária (Neves, 2014), participa de um processo de aprendizagem construído na coletividade das comunidades digitais, cuja troca de saberes conduz a um aprendizado que “[...] se baseia na prática, esforço e retroalimentação com os outros usuários” (García-Rocca, 2019, p. 04). Ao contribuir com suas experiências de leitura para a produção do outro, agrega ao próprio repertório os saberes que extrai dessa vivência, em uma atividade de formação leitora-autora recíproca. As dinâmicas de interação entre leitores e autores possibilitam ainda o desenvolvimento de “um vocabulário para conversar sobre estratégias de escrita e aprendizagem, a fim de aprimorar o próprio trabalho” (Jenkins, 2015, p. 238). Nesse processo, a leitura deixa de ser apenas interpretação para tornar-se intervenção crítica, configurando-se como experiência formativa que articula leitura, autoria e pertencimento nas comunidades literárias digitais.

Desse modo, a atuação de leitores/as e autores/as nas comunidades literárias digitais evidencia como a cultura participativa se materializa em práticas concretas de mediação, produção e circulação de experiências leitoras. Ao compartilhar leituras,

produzir resenhas, integrar cadeias editoriais independentes, atuar como leitores beta no acompanhamento e na avaliação de textos em construção e, em alguns casos, transitar por espaços de (re)criação narrativa, os sujeitos tensionam as fronteiras entre recepção e autoria, configurando-se como agentes ativos no ecossistema colaborativo da cibercultura. A leitura beta explicita a dimensão dialógica da formação ao instaurar um espaço de aprendizagem entre pares em que a crítica, o aprimoramento textual e a negociação de sentidos se realizam em dinâmica horizontal e colaborativa. Mais do que fomentar a visibilidade de obras, essas práticas consolidam processos formativos que atravessam o desenvolvimento do hábito leitor, a construção de posicionamentos críticos e a apropriação dos mecanismos de produção literária em rede, na medida em que, como assinala Jenkins (2015, p. 358), “[...] expandir os potenciais para a participação representa a maior oportunidade para a diversidade cultural”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender as comunidades literárias digitais como ecossistemas colaborativos que reconfiguram as formas de ler, produzir e compartilhar literatura na cibercultura. Ao investigar as práticas que atravessam esses espaços, evidenciou-se que a formação leitora passa a se constituir em dinâmicas participativas, nas quais leitura, mediação e autoria se entrelaçam em processos contínuos de interação e aprendizagem entre pares.

Sob esse viés, as práticas de recriação narrativa no interior da cultura de fã, as cadeias independentes de autopublicação e a atuação da leitura beta revelam movimentos convergentes de ampliação da participação no circuito literário. Nessas dinâmicas, os sujeitos compartilham seus repertórios leitores, produzindo avaliações, acompanhando processos de escrita e intervindo diretamente na construção das obras. A circulação de experiências leitoras e o engajamento na produção literária configuram um ambiente no qual a formação se dá pela prática, pela troca e pela implicação coletiva em comunidades digitais.

Nesse contexto, a leitura beta emerge como dispositivo formativo que explicita o caráter dialógico da escrita em rede. Ao acompanhar o desenvolvimento das narrativas

e oferecer *feedback* fundamentado em sua própria experiência leitora, o leitor beta mobiliza competências críticas, linguísticas e interpretativas, que reverberam tanto na obra do outro quanto em seu próprio percurso formativo. Assim, a mediação entre pares potencializa a consolidação de um itinerário de aprendizagem situado, sustentado pela colaboração retroalimentativa construída na coletividade em rede.

As práticas observadas indicam que a cultura participativa amplia as possibilidades de inserção no campo literário e potencializa a diversidade de vozes e experiências. Conforme assinala Jenkins (2015), expandir os potenciais para a participação representa a maior oportunidade para a diversidade cultural. Nesse sentido, as comunidades literárias digitais configuram espaços de experimentação estética, circulação ampliada de narrativas e construção coletiva de conhecimento, contribuindo para a constituição de leitores-autores engajados no próprio processo de produção cultural.

Compreender tais dinâmicas implica reconhecer que a formação leitora na contemporaneidade se articula a práticas colaborativas e a circuitos independentes de produção e mediação. As comunidades virtuais evidenciam que ler, comentar, revisar, publicar e recriar narrativas constituem experiências formativas rizomáticas, nas quais o sujeito se constrói simultaneamente como leitor crítico e agente de criação literária. Essas transformações convidam a ampliar os debates sobre literatura e educação, incorporando as experiências digitais como parte constitutiva dos modos atuais de formação cultural.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversa de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: a trajetória do escritor. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994.

CIRNE, Livia. OLIVEIRA, Jaciane Barreira. FREIRE, Thayná da Silva. Fãs produtores, inteligência coletiva e letramento: uma observação do site Nyah!Fanfiction. **Revista Temática**, Ano XIII, n. 12. Dezembro/2017. NAMID/UFPB. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica> Acesso em: 14 jun. 2025.

GARCÍA-ROCCA, Anastasio. Los fanfictions como escritura en colaboración: modelos de lectores beta. **Profesional de la información**, [S. l.], v. 28, n. 4, 2019. 2019.jul.04. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2019.jul.04>. Acesso em: 14 jul. 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.

LEITÃO, P. Livros, leituras e redes sociais. *In*: **Bibliotecas para a Vida II – Bibliotecas e Leitura**, Lisboa, 2009. p. 437-460.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

NEVES, André De Jesus. **Cibercultura e literatura, identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction)**. São Paulo, Paco, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, Victória de Lucena. **Bookstan: a influência no aumento de leitores de autoras brasileiras**. 2023. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) - Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. Para compreender a ciberliteratura. **Texto Digital**, v. 8, n. 2, p. 229–243, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2012v8n2p229>. Acesso em: 6 out. 2024.

SANTOS, Ione Araújo dos. **Entre booktubers e booktokers: a formação leitora no ambiente das redes sociais**. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Jacobina, 2024.

SUBRINHO, Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho; SOUSA, Denise Dias de Carvalho. Comunidades de leitores e escrita colaborativa na Internet e o ensino de literatura para os leitores conectados. UFRJ: **Terceira Margem**, v. 24, n. 44, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/36030>. Acesso em: 23 abr. 2024.

VALENÇA, Patrícia Felix. **Comunidades virtuais de leitores: o impacto das bookredes no consumo e na difusão da literatura**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Inglês) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

Submissão: novembro de 2025. Aceite: dezembro de 2025. Publicação: abril de 2026.